

**NAS MARGENS, UMA CRÍTICA:
ENTREVISTA COM BEATRIZ SARLO**

**[ON THE MARGINS, A CRITICISM:
INTERVIEW WITH BEATRIZ SARLO]**

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi¹

Fazendo das relações entre cultura e política um ato de cumplicidade, Beatriz Sarlo é um dos nomes que mais se destacam no cenário da crítica literária argentina e, principalmente, nos debates do que se convencionou chamar de estudos culturais latino-americanos. Nascida em 1942, em Buenos Aires, e descendente de famílias imigrantes, ela se graduou em Letras pela Universidade de Buenos Aires no ano 1966, quando teve início a ditadura militar argentina. Durante o período autoritário (1966-1973/ 1976-1983), à margem da universidade e de uma formação acadêmica continuada, desenvolveu atividades em grupos editoriais e em revistas de crítica literária e cultural, espaços “alternativos” que foram decisivos em sua formação intelectual.

Nesses circuitos intelectuais quase “privados”, a crítica argentina se aproximou de um ponto de vista sociológico, por meio de leituras informais e coletivas que procuravam, de algum modo, revisar sua formação inicial marxista. Esse olhar sociológico para a cultura em geral e para a literatura em particular, com uma postura de esquerda exigente, tornou-se a marca de seus trabalhos e de uma parte da geração que inaugurou e dirigiu a

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas: <carolinetresoldi@gmail.com>.

influyente revista *Punto de Vista*, publicada em noventa números entre 1978 e 2008. Não por acaso, ao percorrer as grandes livrarias de Buenos Aires, onde há corredores de livros dedicados à crítica literária e aos chamados “ensayos argentinos”, alguns dos livros de Beatriz Sarlo figuram nas prateleiras da sociologia. O que é apenas um dos indícios de que a ensaísta não pode ser classificada a partir dos rótulos das carreiras acadêmicas ou de escolas de atividade. Trata-se, antes, de uma intelectual que, a partir e por meio de diferentes objetos da cultura, constrói um projeto crítico versátil para sentir, pensar e atuar em seu país.

A entrevista que o leitor tem em mãos foi realizada em março de 2017, no escritório de Beatriz Sarlo, no centro da cidade de Buenos Aires. Nela, a crítica comenta algumas de suas obras e retoma alguns momentos-chave de sua trajetória intelectual, sem perder de vista os processos sociais e políticos mais amplos nos quais se formou e atuou. Importa notar, nesse sentido, o uso do plural em certos momentos da entrevista, que não deixa de sugerir uma experiência coletiva e compartilhada de atuação intelectual.²

1. A senhora se graduou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires em 1966, ano do golpe de Estado e instauração do regime autoritário comandado pelo general Juan Carlos Onganía. Poderia contar um pouco sobre o contexto e o impacto do golpe em sua trajetória acadêmica?

Concluí a graduação em Letras no ano de 1966 com uma “tese” sobre a crítica literária argentina, mais especificamente, sobre a obra do crítico e poeta Juan María Gutiérrez.³ Trata-se de um trabalho monográfico que, no Brasil, é mais ou menos localizado entre a licenciatura e o mestrado. Nesse momento, desenvolvia atividades na Editorial Universitário de

2 A presente entrevista foi realizada como parte de uma pesquisa de mestrado, na qual se compararam as trajetórias intelectuais e as principais obras do crítico brasileiro Roberto Schwarz e da crítica argentina Beatriz Sarlo. Trata-se de nomes que representam, de diferentes modos, matrizes importantes da crítica literária e cultural no contexto latino-americano. Por esse caráter, como notará o leitor, Beatriz Sarlo faz referências ao Brasil e comenta sua relação com alguns pesquisadores brasileiros e latino-americanos. A referida pesquisa resultou na dissertação *Crítica cultural como “esporte de combate”: notas sobre o ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo*, orientada pela Profa. Dra. Mariana Chaguri e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

3 O trabalho em questão resultou no livro de Beatriz Sarlo *Juan M. Gutiérrez, historiador y crítico de nuestra literatura* (1967).

Buenos Aires (Eudeba), dirigida por Boris Spivacow. Com a instauração da ditadura, muitos professores foram cassados ou renunciaram aos seus cargos, e o Editorial encerrou suas atividades. Nos meses subsequentes, migramos para o Centro Editor de América Latina (CEAL), fundado por Boris após o golpe, com o objetivo de publicar livros de diferentes áreas com preços acessíveis.

Com o golpe, a universidade argentina ficou totalmente fechada para mim e para grande parte da minha geração. Isso tornou inviável a continuação dos meus estudos acadêmicos – tinha a ideia de continuar pesquisando a crítica literária na Argentina, mas isso se interrompeu abruptamente e não foi possível fazer uma pós-graduação. Até o ano de 1983, quando se encerra a ditadura militar, estive longe da universidade, exercendo atividades intelectuais em espaços privados. O efeito dos anos longe da universidade é algo curioso na minha trajetória e na dos meus colegas, pois tínhamos um currículo acadêmico muito raro, de alguém que tem um título de graduação, não fez nenhuma tese na pós-graduação, e o cargo seguinte é de professor titular de Cátedra. É um currículo muito particular, e é necessário explicá-lo, tendo em vista quase duas décadas de acúmulos de leituras em espaços não acadêmicos.

Enfim, minha carreira universitária ficou totalmente interrompida por quase duas décadas. Durante a última ditadura militar, entre os anos de 1976 até 1983, tinha a impressão de que não seria mais possível ter uma carreira formal de pesquisadora. Mas, com os ensaios e trabalhos elaborados para a revista *Punto de Vista*, comecei a perceber que fazia uma carreira de pesquisadora sozinha, de modo alternativo – sozinha, quero dizer, sem professores que orientassem as leituras e os trabalhos, já que participei de vários grupos de estudos coletivos ao longo dos anos da ditadura.

Nesse ponto, tenho uma impressão curiosa da experiência brasileira. Em um encontro que participei em Campinas, em 1980, foi a primeira vez que conheci críticos renomados como Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar. Foi uma das primeiras vezes que estive com grandes figuras intelectuais, pois eu e meus colegas de geração não tivemos grandes professores e tutores. No Brasil, ao olhar Antonio Candido caminhando com seus alunos na universidade, era como se fosse uma manifestação! Sem dúvida, uma das formas particulares da ditadura brasileira que,

inclusive, tinha criado uma universidade em Campinas.⁴ Quando voltei a Buenos Aires, contei aos meus amigos da revista *Punto de Vista* que nossos contemporâneos brasileiros (como os críticos Roberto Schwarz, Davi Arrigucci etc.) eram pessoas que tinham carreiras relativamente normais, uma formação universitária completa, trabalhando com grandes professores e mestres. Esse encontro foi um choque, uma experiência única de conhecimento de outro campo intelectual e político, e de outro contexto universitário, que nos deu consciência das diferenças entre nós e eles.

O que quero dizer é que minha formação, e a de muitos outros, era irregular, pouco frequente, com exceção daqueles que puderam ir à Europa e aos Estados Unidos – mas é o caso de muito poucos –. Por isso, quando cheguei com a notícia de Antonio Candido, era como se chegasse com a notícia de outro mundo.

2. A senhora poderia contar um pouco sobre as experiências intelectuais durante a ditadura militar, principalmente nos anos de 1970?

Durante a ditadura militar a grande experiência que tive foi fundar e dirigir a revista *Punto de Vista*, a partir de 1978, onde se encontravam os melhores críticos contemporâneos, como Maria Teresa Gramuglio, Carlos Altamirano, Ricardo Piglia, Hugo Vezzetti, entre outros. No espaço da revista, portanto, tinha ao meu lado os melhores intelectuais da minha geração, com diferentes formações (na psicanálise, na crítica literária “pura” e na crítica de inspiração sociológica). Foi uma experiência extraordinária discutir, pensar e elaborar a revista.

Foi principalmente nesse período que comecei a trilhar um caminho como investigadora. Depois de conhecer Ángel Rama no encontro em Campinas, ele me pediu uma nota sobre as vanguardas argentinas para uma revista com a qual ele contribuía na Venezuela, além de pedir um

4 Como referência, cumpre lembrar que a Universidade Estadual de Campinas foi fundada em 1966, no contexto do regime militar brasileiro (1964-1985). No ano de 1976 foi criado o Instituto de Estudos da Linguagem, com a finalidade de reunir pesquisa e ensino nas áreas de Linguística (então ligadas ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) e de Teoria Literária (nova cadeira inaugurada sob coordenação do professor Antonio Candido, reunindo mestres e doutores especializados nos estudos literários). Sobre o tema, ver: “Depoimento”, de Antonio Candido (1989).

prefácio para um dos livros da Biblioteca Ayacucho, que ele dirigia.⁵ Nesse contexto, era uma grande distinção ser convidada para escrever um prefácio para essa Biblioteca, ainda mais para alguém como eu, que não tinha muitos antecedentes. Foi assim que comecei a elaborar notas mais extensas, com investigações detidas sobre determinados temas e autores.

Além disso, outro espaço que foi muito importante para a minha formação na ditadura foi o Centro Editor de América Latina, um grande editorial de livros para bancas de jornal.⁶ Em torno do CEAL o clima intelectual era muito interessante, cotidianamente. Lá estavam grandes diagramadores e uma geração mais velha de críticos, como Adolfo Prieto, que dirigiu uma coleção. Foi uma grande experiência de trabalho intelectual.

3. Nesse contexto, a senhora também escreveu para a revista *Los Libros*. Como foi a experiência nessa revista?

Los Libros foi uma revista que começou a ser publicada, se não me engano, em 1969, e era dirigida por Héctor Schmucler. Trata-se de uma revista de ampla dimensão teórica (incorporando o marxismo, a psicanálise, a semiologia, as novas teorias da comunicação etc.). Publiquei minhas primeiras notas por volta de 1970. Depois fui convidada, ao lado de Carlos Altamirano, para ingressar no conselho editorial. Foi uma revista de esquerda e de modernização teórica, mas demoramos muito tempo para entender o que era essa revista. Com a intensificação da discussão política na Argentina a partir de 1973, eu, Carlos Altamirano e Ricardo Piglia assumimos a direção da revista. Ficamos na revista até o ano de 1976, quando se inicia a segunda fase da ditadura militar, uma fase mais dura de repressão.

Após nos afastarmos da revista *Los Libros*, nos anos de 1976 e 1977, procuramos manter certos intelectuais agrupados – seja para discutir poesia gauchesca ou romances realistas, seja para pensar porque existia a ditadura. Sem dúvida, o objetivo era permanecermos juntos, em um

⁵ Na revista *Escritura*, Beatriz Sarlo apresentou, ao lado de Carlos Altamirano, o ensaio “Una vida ejemplar: la estrategia de Recuerdos de provincia”, dedicado a Domingo Sarmiento, e foi convidada por Ángel Rama a selecionar textos e escrever uma introdução à obra do escritor argentino Roberto Payró, volume que foi publicado pela Biblioteca Ayacucho, em 1984.

⁶ O comentário evidencia o caráter popular dos livros publicados e, do mesmo modo, uma dimensão da militância das publicações, uma vez que nas bancas de jornal era possível encontrar divulgadores de panfletos de militância política.

contexto muito desfavorável para a atividade intelectual. Nesse período, tínhamos mais ou menos a ligação com um partido pró-China, de orientação maoísta, que se chamava “Vanguardia Comunista”. Quando percebemos que estava funcionando manter os colegas agrupados e que tínhamos diferentes lugares para nos encontrar, pensamos: “por que não fazer uma revista?”. Vanguardia Comunista tinha o dinheiro para o financiamento, e foi assim que começamos a elaborar a *Punto de Vista*, que foi lançada em março de 1978.

Pouco tempo depois, quando saiu o terceiro número da revista, os integrantes da Vanguardia Comunista, que ajudavam também com a distribuição da *Punto de Vista*, desapareceram. Acreditamos que todos foram mortos pelo regime autoritário. Como ficamos com parte do dinheiro deles, decidimos fazer justiça aos mortos e continuamos publicando a revista. Na época, era uma revista que se vendia muito pouco nos “kioscos”. Estávamos acostumados, na revista *Los Libros*, com a impressão de pelo menos três mil exemplares. No começo da *Punto de Vista* tivemos a tiragem de mil e quinhentos exemplares, mas a devolução era enorme, sobretudo porque as pessoas tinham medo de comprar.

Uma vez, por exemplo, encontrei um intelectual argentino importante e perguntei se ele conhecia a revista. Ele respondeu positivamente, mas observou que nunca comprou, pois era uma revista que falava de ditadura, cultura e política, num contexto em que esses termos ligados entre si eram algo incriminatório. Por esse motivo, no início, vendíamos entre cem e duzentos exemplares. Aos poucos conseguimos nos manter bem, pois os colegas que estavam no exterior conseguiam a adesão de diferentes intelectuais. As universidades americanas, por exemplo, começaram a adquirir a revista com regularidade. Assim, como “exportadores” da cultura argentina, conseguimos nos manter durante o final da ditadura. Após 1983 foram incorporados à revista novos colaboradores, já tínhamos um pequeno distribuidor, e se iniciou um outro momento, num contexto democrático.

Enfim, *Punto de Vista* foi uma revista marginal e quase invisível no início – creio que por isso ela conseguiu sobreviver a despeito da forte repressão do Estado. Mas, para nós, era um espaço decisivo de formação e de trocas. Lembro que um dia me dei conta que havíamos vencido uma das batalhas de ideias. Foi mais ou menos em 1983, quando a ditadura caminhava para seu final, após a invasão das Ilhas Malvinas. No Suplemento Cultural do jornal *Clarín*, um dos diários que mais circulava na Argentina,

aparece a expressão “campo intelectual”, no sentido atribuído por Pierre Bourdieu, mas sem a referência ao sociólogo francês. Essa expressão era desconhecida, e ninguém além de nós falava de Bourdieu. Nas páginas da *Punto de Vista* se encontravam de modo praticamente inédito suas ideias, e utilizamos certas categorias, como a de “campo intelectual”, como categorias de batalhas. Ao aparecer no Suplemento Cultural, de modo tão natural, tive a impressão que de alguma forma tínhamos vencido.

De qualquer modo, *Punto de Vista* foi central principalmente para quem fazia parte dela. Nossa geração de críticos e intelectuais floresceu quando chegou a democracia. A revista já era bastante conhecida quando entramos na universidade. Muitos começaram a ser convidados a ministrar cursos nos Estados Unidos. Então, as coisas foram mais simples com a redemocratização. O período mais duro foi durante a ditadura, pois depois de 1984 tivemos uma vida intelectual normal. Mesmo assim, mantivemos nossa revista independente – sem instituições privadas e sem apoio formal das universidades. Até 2008, ano em que encerramos as atividades, a revista procurou se manter independente.

4. Quais tradições intelectuais, nacionais ou estrangeiras, foram importantes para a geração da *Punto de Vista*?

Certamente a revista francesa de sociologia da cultura editada por Pierre Bourdieu foi fundamental. Como procuramos apresentar novidades dos debates teóricos, além de Bourdieu, os estudos de Raymond Williams e de Richard Hoggart sobre sociologia da cultura também tinham um peso importante, e quase não circulavam na Argentina. Tive a oportunidade de entrevistar os intelectuais ingleses em uma viagem à Inglaterra, que fiz com Carlos Altamirano.⁷ Também entrevistei Ángel Rama e Antonio Candido, que eram grandes figuras intelectuais da América Latina e serviam como inspiração. A entrevista se deu no encontro em Campinas em 1980, no qual estabeleci contato com uma rede de pesquisadores brasileiros e outros, latino-americanos.⁸ Depois desse encontro, Roberto Schwarz me levou para conhecer o Centro Brasileiro de Análise e

⁷ As entrevistas com os críticos britânicos foram publicadas no sexto número da revista *Punto de Vista*, de 1979, com o título “Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad”.

⁸ No oitavo número da *Punto de Vista*, publicada em março de 1980, aparece a reportagem “La literatura de América Latina: Unidad y conflicto”, escrita por Beatriz Sarlo acerca das “Jornadas de Literatura Latino-americana”. Na sequência, são publicadas as entrevistas com Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar.

Planejamento (Cebrap), e na sequência a *Punto de Vista* publicou as teses de Fernando Henrique Cardoso.

Além disso, a revista *Contorno* se destaca como referencial, porque nela publicaram David Viñas e Adolfo Prieto, intelectuais que abriram caminhos na Argentina para pensar as relações entre literatura, vida social e vida política. *Contorno* foi uma revista que toda a nossa geração estudou. Não a tínhamos lido enquanto era publicada, porque éramos muito jovens, mas conhecíamos quem publicava. Fizemos uma reportagem sobre *Contorno* e David Viñas, e também entrevistamos Adolfo Prieto.⁹

Depois de estudar *Contorno*, eu e Maria Teresa Gramuglio decidimos estudar também outras revistas, para conhecer melhor nosso passado. Estudamos principalmente a revista *Sur*, focando nos trabalhos de Victoria Ocampo. Além de *Sur*, estudamos atentamente *Martín Fierro*, entre outras. Não estudamos essas revistas por identificação ideológico- -política, mas porque elas permitem acessar o campo intelectual e cultural em diferentes contextos. Em minha trajetória, sempre gostei de estudar as revistas literárias e culturais, pois parecem significativas para entender os movimentos intelectuais. As revistas, principalmente na América Latina, funcionam como laboratório de ideias, como espaços de experimentação intelectual. Enfim, após retomar *Contorno*, que era uma revista com a qual nos identificamos muito, também retomamos outras leituras. No caso de *Sur*, por exemplo, buscamos fazer outra leitura de Jorge Luis Borges e de Victoria Ocampo, que eram autores muito maltratados pela esquerda.

5. Durante os primeiros anos de 1980, a senhora organizou e escreveu alguns livros com Carlos Altamirano, que em geral são classificados como “sociologia da literatura” ou “sociologia da cultura”, como as obras: *Conceptos de sociología literaria* (1980), *Literatura/Sociedad* (1983) e *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia* (1983). Poderia comentar um pouco sobre a elaboração desses trabalhos?

São publicações muito diferentes em suas formas e conteúdo. A primeira, *Conceptos de sociología literaria*, foi um pequeno livro que

9 Nos primeiros números da *Punto de Vista*, destacam-se, por exemplo, as seguintes reportagens: “‘*Contorno*’ en la cultura argentina”, publicada no quarto número da revista, em 1978; “Los dos ojos de *Contorno*” e “Ellos y nosotros: David Viñas habla sobre *Contorno*”, ambas publicadas no décimo-terceiro número, em 1981. A entrevista com Adolfo Prieto foi publicada no décimo-sexto número, em 1982, com o título “Literatura / crítica / enseñanza de la literatura”.

fomos encarregados de publicar para o Centro Editor de América Latina. A ideia era reunir alguns conceitos e categorias importantes para o estudo sociológico da literatura, e fomos incorporando os conceitos de autores que lemos e discutimos – como Pierre Bourdieu, Raymond Williams, Antonio Gramsci, Lucien Goldmann, Georg Lukács, Theodor Adorno etc.

Uma editora, que tomou contato com esse livro, sugeriu que fizéssemos uma espécie de “manual de sociologia da literatura”, incorporando as principais questões dessa área. Foi assim que surgiu o livro *Literatura/Sociedad*, no qual também publicamos ensaios de Ángel Rama e Antonio Candido. Os ensaios não eram inéditos, mas era um modo de fazer referência aos intelectuais importantes da América Latina que trabalhavam com uma perspectiva que integrava análise social e análise estética. Ainda que esse livro seja uma espécie de manual, ele tem um pouco mais de ambição em relação ao primeiro livro.

Esses dois livros foram sendo elaborados a partir de outras atividades que fazíamos. Entretanto, são trabalhos completamente diferentes de *Ensayos Argentinos*, que é um livro que tem um investimento longo de pesquisas empíricas, realizadas por mim ou por Altamirano, ou pesquisas que elaboramos de modo conjunto. É um livro distinto dos demais porque nele aparecem hipóteses originais para a leitura da história intelectual e cultural argentina. Os ensaios que compõem o livro foram publicados anteriormente, seja na *Punto de Vista*, seja em revistas latino-americanas. No entanto, o livro possui certa unidade. Por um lado, porque é um trabalho de ensaísta-investigador. Por outro, porque se trata de uma visão sobre a história da Argentina – sobre escritos antigos, sobre as vanguardas, em uma perspectiva complexa de sociologia da cultura em que se misturam leituras de Raymond Williams, Pierre Bourdieu etc.

6. Ainda que se trate de livros diferentes em seus propósitos, eles articulam uma visão de crítica literária na qual o vínculo com o social e a sociedade se faz presente na tessitura dos ensaios...

Sem dúvida. Esse vínculo entre análise estética e análise social é forte. Esse projeto está presente principalmente em *Ensayos argentinos*, mas também em todos os meus livros dessa época, como *El imperio de los sentimientos* (1985), *Una modernidad periférica* (1988), *La imaginación técnica* (1992), entre outros. *El imperio de los sentimientos*, por exemplo, é um livro central para mim, pois se trata do primeiro trabalho de grande investigação que realizei, com muita pesquisa em acervos. É um livro em

que faço perguntas a partir de uma perspectiva sócioestética sobre os folhetins que se liam na Argentina nas primeiras décadas do século XX, momento de apogeu da “literatura sentimental”. Questiono sobre o tipo de público; como os folhetins intervêm para criar outro tipo de leitores; que modelo diferencial eles possuem etc. Enfim, é um livro que inaugura o que continuo fazendo depois, ou seja, trabalhar com um grande material de pesquisa, escrito de modo ensaístico e levando em consideração uma visão estética e sociológica.

De modo geral, olhar para os aspectos sociológicos e estéticos é o que procuramos fazer desde a *Punto de Vista*. Não se trata de pensar em uma sociologia da literatura que tivesse uma perspectiva puramente sociológica, e não buscamos ler os textos literários adotando uma perspectiva de crítica “pura”. O movimento era começar a leitura dos textos mais ou menos com uma forte percepção estética e, a partir disso, perceber como o social estava presente nas obras. Ou seja, a partir da análise estética procurávamos derivar aspectos sociológicos. No caso de *El imperio de los sentimientos*, por exemplo, o primeiro passo foi observar como funciona a literatura de uma época e como ela influencia o campo cultural. Em *Una modernidad periférica* esse também é o procedimento de análise. Mas, esse livro, escrevi como investigadora formal e recebi uma bolsa para pesquisar por seis ou sete meses materiais nos Estados Unidos, em particular na Biblioteca de Washington, onde tomei contato com diferentes periódicos e jornais do período estudado. *La imaginación técnica* também é um trabalho em que há um grande investimento de pesquisa em diários – e eu escrevi na Universidade de Cambridge, com uma presença muito forte de Walter Benjamin.

Nesses livros que mencionei, a escrita é diferenciada, principalmente porque não estavam perseguidos pela urgência da publicação – como é comum nos ensaios publicados nos anos anteriores.

7. Ao longo dessa conversa a senhora mencionou diferentes inspirações para seu trabalho intelectual, que são sentidos no conjunto de seus ensaios de maneiras mais ou menos explícitas – inspirações nos integrantes de *Contorno* e de autores variados como Raymond Williams, Pierre Bourdieu e, agora, Benjamin...

É verdade, esses autores são fundamentais em meus trabalhos de ensaísta. Entretanto, há outro autor que não foi mencionado, que é Roland Barthes. É um crítico fundamental porque aprendi a ler literatura

com *Mythologies* (1957). Aprendi um certo tipo de leitura, que depois se chamou de “leitura intensa”, mas que é uma leitura típica da crítica literária francesa, elaborada por um leitor que é o melhor leitor do século XX. Barthes é um autor que li desde os anos de graduação, em que se ensinava principalmente o estruturalismo francês nas Cátedras. Essa leitura nunca foi abandonada, mesmo no período da ditadura, no qual tomei contato com leituras da crítica marxista, como Brecht, Lukács, Adorno, Gramsci etc. Por isso, gosto de dizer que Barthes funciona no meu trabalho como aquilo que em música se chama de “baixo contínuo” – uma série de acordes que, ainda que não se escute detidamente, sustentam a música.

De todo modo, o nome que citaria como a dívida intelectual mais importante é o de Benjamin, que conheci no início da década de 1970 e cujos diferentes ensaios fui descobrindo até os anos de 1980. Refiro-me a ele sobretudo porque tem a cidade como objeto, que é a perspectiva de muitos dos meus trabalhos que se inserem no campo dos estudos urbanos. Eu até publiquei um pequeno livro com ensaios sobre Benjamin, e este autor também funciona como um “baixo contínuo”.¹⁰ No livro *Plan de operaciones*, publicado no Chile, foi compilado um conjunto de notas que traduzem as minhas verdadeiras preocupações – lá estão Benjamin, Barthes e também Jorge Luis Borges, Susan Sontag, entre outros.

Penso que é importante observar que alguns conceitos de Raymond Williams contribuem para pensar aspectos da cultura contemporânea – por exemplo, as temporalidades que permeiam uma cultura, com elementos arcaicos e modernos juntos, é uma questão com a qual sempre estou trabalhando.

8. Com o final da ditadura a senhora retornou à universidade. Como foi esse período?

Em 1984, eu e parte da minha geração voltamos à universidade como professores e pesquisadores, e a universidade argentina se renovou. Nesse momento, concursei a Cátedra de Literatura Argentina e passei a integrar comissões de investigação, recebendo bolsas do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet). Como mencionei, nosso currículo era curioso e muito particular. Para apresentar os pedidos de bolsas de investigação, chegamos à conclusão peculiar de que o primeiro livro autoral publicado seria equivalente à tese de doutoramento.

¹⁰ Trata-se do livro *Siete ensayos sobre Benjamin* (2000).

Até o momento do ingresso na universidade, com a democracia, eu tinha publicado três livros, mas não tinha uma tese. Então apresentei como “tese” *El imperio de los sentimientos*, o primeiro livro que escrevi sozinha e que foi publicado em 1985. É uma forma de ingresso muito irregular, mas era o único modo para pedir bolsas de pesquisa. A partir desse momento comecei a dirigir teses de doutorado e, durante os vinte anos em que estive na universidade argentina, orientei um elevado número de teses, ainda que eu não possuísse uma.

Quando ingressamos na universidade também não tínhamos experiência como professores. Tinha uma experiência como ajudante de um professor de Latim vinte anos antes, mas não sabia construir um curso universitário. Durante a ditadura organizamos cursos para grupos muito pequenos. Eu dava aulas no escritório da *Punto de Vista*, e tínhamos comunicação com alunos que frequentavam a universidade – que se tornaram amigos, porque a diferença de idade era mínima. Eles foram, inclusive, meus primeiros alunos na universidade. Creio que fomos aprendendo enquanto montamos os cursos, pois uma coisa era trabalhar como ensaísta e outra coisa era montar um curso. Recordo que durante os cinco ou seis primeiros anos na universidade eu trabalhava todos os dias das nove horas da manhã às seis horas da tarde preparando minhas aulas. Era curioso que não sabíamos sequer aplicar as provas e os exames – não conhecíamos o universo da burocracia na universidade.

De modo geral, esses anos foram extraordinários. Aproveitamos muito das leituras que nos formaram na ditadura – principalmente na *Punto de Vista* –, mas as experiências foram novas, com muita improvisação. Penso que esse contexto de ingresso meio irregular de um grande número de intelectuais que estavam à margem das universidades argentinas só se pode explicar no contexto das ditaduras.

9. A senhora poderia contar um pouco mais sobre sua participação nas “Jornadas de Literatura Latino-americanas”, que aconteceram no início de 1980 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas?

Esse encontro foi organizado por Antonio Candido e seus colegas da Unicamp, para debater as possíveis relações entre a literatura brasileira e as demais literaturas latino-americanas. Creio que havia um projeto de fundo, pensado por Ángel Rama, de construir uma história da literatura no contexto latino-americano. Eu não fazia parte desse projeto e não

conhecia esses críticos, mas um amigo, que estava exilado em São Paulo, enviou uma carta dizendo que em Campinas haveria uma reunião muito interessante. Ainda que não soubesse os objetivos da reunião, confiei no meu amigo e comprei uma passagem de ônibus para São Paulo, pensando em escrever umas linhas para a *Punto de Vista*. Em São Paulo, encontrei alguns conhecidos e fomos a Campinas. Quando cheguei a essa reunião, creio que Antonio Candido e Ángel Rama, que eram as grandes figuras intelectuais, deram-se conta da minha presença de imediato, como alguém que não estava convidada. Eles me trataram com enorme gentileza intelectual, apresentando o grupo de pesquisadores.

Foi nessa reunião que conheci Roberto Schwarz, David Arrigucci Jr. e também um nome importante, Antonio Cornejo Polar, que depois me pediu um ensaio para a revista de *Crítica Literaria Latinoamericana*, da qual ele era diretor. Quando voltamos a São Paulo, Antonio Candido me convidou para almoçar com ele e com Jorge Schwartz, que foi seu doutorando. Além disso, Roberto Schwarz me convidou para passar alguns dias em sua casa – e conheci alguns de seus amigos, como Paulo e Otilia Arantes. Foi uma experiência extraordinária, porque eles eram apenas um pouco mais velhos, mas estavam em um momento em que suas carreiras já eram consolidadas, enquanto eu era uma “prima pobre”. Essa viagem me deu a impressão que no campo acadêmico brasileiro, mesmo no contexto da ditadura, houve mais continuidades do que no argentino e no chileno, por exemplo.

10. Em outros momentos a senhora esteve em encontros no Brasil nos quais foram discutidas perspectivas sobre a “literatura latino-americana”...

Aqui em Buenos Aires havia uma leitora atenta dos trabalhos latino-americanos, que se chamava Susana Zanetti. Ela me disse que, se eu fosse ao Brasil e encontrasse Antonio Candido, conheceria um dos maiores críticos literários da América Latina. A figura dele era importante para reunir os pesquisadores latino-americanos nesses diferentes encontros, mas penso que não tinha um projeto “latino-americanista”, como era o caso mais explícito de Ángel Rama ou da crítica chilena Ana Pizarro. Recordo que Antonio Candido dizia que o Brasil era tão grande que toda a história da literatura brasileira poderia correr em paralelo com a história da literatura latino-americana.

Esses encontros de história da literatura latino-americana foram acontecendo nos anos de 1980 e 1990, com uma perspectiva internacionalista de reunir diferentes pesquisadores da América Latina e outros intelectuais estrangeiros. Contudo, poucos eram aqueles que possuíam projetos realmente “latino-americanistas”. No primeiro encontro de que participei em Campinas, em 1980, não abri a boca. O que fiz foi escutar atentamente essas grandes figuras e tive a oportunidade de fazer uma reportagem com Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar para a *Punto de Vista*. Já conhecia o Brasil de uma viagem que tinha feito na década de 1960, quando conheci a recém-inaugurada Brasília, mas foi nesse encontro que se fundou minha relação com o Brasil e com os pesquisadores brasileiros.

Nos anos seguintes, fui participando de algumas reuniões no Brasil como uma “argentinista”, ou seja, como alguém que apresentava trabalhos sobre a literatura argentina.

11. A senhora apresentou trabalhos sobre Jorge Luis Borges no Brasil, um dos escritores mais estudados ao longo de sua trajetória?

Se não me engano foi apenas em 2005, na festa literária que ocorre em Paraty, no Rio de Janeiro, que fiz uma fala sobre Borges. Participei de uma mesa ao lado de Roberto Schwarz, que falou sobre Machado de Assis. Falamos desses dois grandes escritores, que têm em comum o incorporar a tensão entre o local e o universal. Falamos também sobre engajamento e compromisso intelectual.

Os trabalhos de Roberto Schwarz sobre os romances machadianos tiveram um impacto significativo na Argentina, não apenas nos estudos literários – talvez, principalmente, nos cursos de ciências sociais. A originalidade do trabalho é construir uma teoria sobre as relações desiguais entre centros e periferias, uma visão elaborada a partir de sua interpretação de Machado de Assis. Como Roberto argumenta, Machado fazia paródias e sátiras com sua experiência de escritor na periferia. A elaboração de Roberto demonstra que não se trata de um modelo de “cópia” em relação aos escritores dos países centrais. Ou seja, ele elabora um novo modelo de relação cultural entre centro e periferia – um modelo que hoje, apesar da passagem dos anos, segue em pé. É claro que as relações econômicas e sociais mudaram com a globalização, mas esse modelo mantém uma solidez teórica.

O que procuro fazer em meu trabalho sobre Borges, muito à esteira do que fez Roberto com Machado de Assis, é pensar como se pode construir um escritor com tamanha originalidade em uma nação culturalmente periférica, como é o caso de Borges. E cuja originalidade é particular, tal como era a de Machado de Assis. Em outras palavras, a questão é pensar como um escritor com características tão originais pode se construir na periferia, produzindo soluções culturais baseadas em uma distância quase irreverente das tradições europeias.

12. E como surgiu seu interesse pela obra de Jorge Luis Borges?

Isso aconteceu para mim por uma espécie de “sucessão cronológica de críticos literários”. Minha geração foi a primeira que teve contato com toda a obra de Borges. Além disso, David Viñas e Adolfo Prieto, que eram nossos referenciais na crítica argentina, escreveram contra Borges. Em geral, a maior parte da esquerda argentina escrevia contra Borges, que sempre foi considerado um autor de direita. Então, por um lado, com a publicação de toda a sua obra na década de 1970, encontrávamos uma espécie de “objeto novo”.

Por outro lado, um escritor como Borges é inevitável. É como se um especialista em futebol argentino não falasse de Maradona, um especialista brasileiro não falasse de Pelé. São figuras incontornáveis e, a despeito do passar dos anos, é possível sempre descobrir novas leituras, novas invenções. O que quero dizer é que não se pode fazer crítica na Argentina se você não leu e escreveu algo sobre Borges.

Além disso, é claro, tem uma questão de gosto literário. É possível discutir se Borges é um autor inevitável na poesia argentina, como é na ficção e nos ensaios, mas, como um dos grandes escritores do século XX na Argentina, é preciso conhecê-lo.

13. Em *Jorge Luis Borges, un escritor en las orillas* (1993), a senhora assinala que o argentino é “um escritor marginal no centro e um cosmopolita nas margens”. O mesmo se pode dizer sobre outros escritores latino-americanos que hoje pertencem ao chamado cânone da literatura Ocidental?

Nas últimas décadas se produziu um fenômeno desconhecido. As editoras de língua espanhola e inglesa elegeram quais escritores latino-americanos são os melhores, que pertencem à “literatura universal”. Então, foram reeditados os livros e eles circularam como literatura latino--

americana. Esse tipo de consagração editorial, com o empreendimento de divulgação que foi feito, não existia na época de Borges, tampouco na de Julio Cortázar – que foram os escritores argentinos mais divulgados no exterior. Acredito que hoje a literatura circula por espaços diferentes. Os países centrais não impõem diretamente a consagração dos escritores. Eles têm, no entanto, meios materiais para editar mais e selecionar os autores que seriam representativos da literatura argentina, brasileira, chilena e latino-americana em geral.

14. A ideia de “modernidade periférica”, elaborada no livro *Una modernidad periférica* (1988), procura explicar como, durante um período de intensa modernização e urbanização da cidade de Buenos Aires, nas primeiras décadas do século XX, vão se mesclando experiências culturais locais com modelos estrangeiros. No contexto da globalização – ou como a senhora observa, no cenário de uma vida “pós-moderna” –, essa ideia de “periferia” ainda tem potencial explicativo?

Una modernidad periférica trabalha com a ideia de “cultura de mesclas” – que é a combinação de elementos das vanguardas estéticas europeias com um localismo *criollo*. Roberto Schwarz se refere a um problema semelhante, no caso brasileiro, como as “ideias fora do lugar”.¹¹ De qualquer modo, a ideia de “modernidade periférica” é um ponto relevante que precisa ser retocado.

Atualmente, os campos intelectuais são mais internacionalizados, para falar como Pierre Bourdieu, ou seja, eles são “campos globais”. No âmbito econômico e social, o Brasil e a Argentina, por exemplo, são países com várias velocidades. São Paulo é uma cidade global, uma megalópole, enquanto Buenos Aires, a maior cidade argentina, não é. Então, a ideia de “periferia” não funciona exatamente como antes. É preciso acompanhar a produção cultural e intelectual para ver por onde ela circula e como essa produção circula, e é preciso considerar que os mercados editoriais são mais globalizados.

De certo modo, os países centrais seguem sendo um espaço central das ideias porque, em princípio, há uma hegemonia da língua inglesa e há imensas dificuldades nas traduções, sobretudo no campo dos estudos literários e das ciências sociais. Mas, para avaliar a questão das nações

¹¹ Beatriz Sarlo se refere ao ensaio “As ideias fora do lugar”, publicado pela primeira vez no Brasil em 1973. O ensaio aparece como abertura do primeiro livro de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis, *Ao vencedor as batatas* (1977).

culturalmente periféricas, é necessário elencar vários elementos para compreender essa questão, não apenas em termos intelectuais e culturais, como fiz em meu trabalho.

15. Voltando um pouco para os debates da chamada “crítica latino-americana”, é curioso que o espaço ocupado pelas mulheres não é tão grande. Como a senhora vê esse cenário?

Ana Pizarro foi, sem dúvidas, uma das principais críticas da América Latina. Outra chilena importante, que é mais nova, é Nelly Richard. Ela tem tido, inclusive no ambiente acadêmico, um destaque importante na crítica cultural – e o Chile é um país particularmente difícil nesse aspecto. Ela dirigiu uma das revistas que mais se destacaram nas últimas décadas, que foi a *Revista de Crítica Cultural*, editada entre os anos de 1990 e 2008.

Na academia argentina, a presença de mulheres nos debates culturais é muito forte, diferente de outras carreiras que são muito mais resistentes, como, por exemplo, a de Medicina – creio que haverá uma revolução quando uma mulher for diretora de Cátedra e do Hospital Universitário. Conheço menos de outras experiências acadêmicas na América Latina, mas é um assunto que certamente merece ser tratado, não como um feminismo abstrato, mas sim como um feminismo sociológico.

16. As duas últimas questões são curiosidades. A senhora colaborou com o projeto “O romance”, dirigido pelo crítico Franco Moretti, cuja proposta é entender as diferentes historicidades e temáticas que compõem os romances em nível planetário...

Não conheço pessoalmente o Moretti, e é algo curioso o fato de nunca termos nos encontrado em algum congresso acadêmico. Fui convidada para fazer parte do comitê científico do projeto, mas naquele momento estava com muitos trabalhos em diferentes frentes e não pude aceitar. Depois, fui convidada para colaborar com um texto sobre o romance sentimental, de 1700 a 2000. Pelo tipo de texto que me foi encomendado, penso que Moretti tomou conhecimento de *El imperio de los sentimientos* e creio que o convite se originou disso.¹²

¹² O referido projeto foi organizado em cinco longos volumes pelo crítico italiano Franco Moretti, professor de Literatura Comparada na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Beatriz Sarlo colaborou com o segundo volume, *Il romanzo: le forme*, publicado em 2002, escrevendo o texto “Segni della passione. Il romanzo sentimentale, 1700-2000”. O texto foi republicado em: *Signos de pasión: claves de la novela sentimental del Siglo de las Luces a nuestros días* (2012).

17. Quais são os projetos em que a senhora está trabalhando atualmente?

Nos últimos anos tenho escrito resenhas da literatura contemporânea, para jornais de ampla circulação, porque penso que a crítica literária deve ter um sentido público. Algumas notas maiores escrevo para algumas revistas culturais, como a *Crisis*, que é publicada uma vez por ano. Além disso, escrevo mensalmente colunas com intervenções políticas para o jornal *El País*, da Espanha, além de outros diários. Com a especialização do conhecimento e as informações sobre a vida pública que se dão principalmente nos meios de comunicação, acho necessário que o intelectual público esteja em contato com esse tipo de escrita.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957. (Collection Pierres Vives) [Ed. Bras.: *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1975]
- CANDIDO, Antonio; SCHWARZ, Roberto. *A homenagem da Unicamp*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- LOS LIBROS [revista]. Editor: Héctor Schmucler et al. Buenos Aires, 1969-1976.
- PUNTO DE VISTA: *Revista de Cultura*. Editora: Beatriz Sarlo et al. Buenos Aires: Litodar, 1978-2008.
- SARLO, Beatriz. *Juan M. Gutiérrez, historiador y crítico de nuestra literatura*. Buenos Aires: Escuela, 1967.
- SARLO, Beatriz. Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedade. *Punto de Vista*, n. 6, 1979, pp. 9-18.
- SARLO, Beatriz. La literatura de América Latina. Unidad y conflicto. *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 8, 1980, pp. 3-4.
- SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos: narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927)*. Buenos Aires: Catalogos Editora, 1985.
- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988. [Ed. bras.: *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: CosacNaify, 2010].
- SARLO, Beatriz. *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1992.

- SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1993. [Ed. bras.: *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.]
- SARLO, Beatriz. *Siete ensayos sobre Benjamin*. Buenos Aires: Editorial Fondo de Cultura Económica, 2000. [Ed. bras.: *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.]
- SARLO, Beatriz. *Signos de pasión: claves de la novela sentimental del Siglo de las Luces a nuestros días*. Buenos Aires: Biblos, 2012.
- SARLO, Beatriz. *Plan de operaciones*. Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.
- SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *Conceptos de sociología literaria*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina: Fundamentos de las Ciencias del Hombre, 1980.
- SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *Ensayos argentinos: de sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016[1983].
- SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *Literatura/sociedad*. Buenos Aires: Edición digital al cuidado de Libronauta, Edicial, 2001[1983].
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012[1977].

Recebido: 10/04/2018

Aceito: 2/10/2018

Publicado: 24/06/2019